



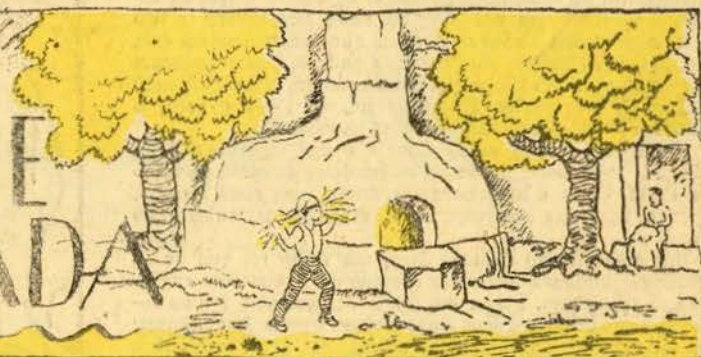
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

JOÃO ARREDA E RITA AZADA



POR LUIZ FIGUEIREDO CORREIA PINTO

NUMA pequena aldeia da Beira Alta, Vila-Chã, existiu, há muitos anos, um casal, sem descendentes, o qual já não existe, tendo morrido de avançada idade.

Eram estes conhecidos pelos nomes de João Arreda e sua mulher, Rita Azada. Viviam pobremente do produto do seu trabalho, cultivando uma leiras pelas quais pagavam uma renda anual.

O Arreda era um homem de génio arrebatado, irritando-se à menor contrariedade. Pelo contrário, sua mulher, a Rita Azada, era muito bondosa e paciente, pelo que viviam felizes, apesar da sua pobreza.

Um dia, a Rita Azada, tendo a farinha de milho amassada, para coser o pão, chamou o João Arreda para que este viesse aquecer o forno, pois que eram horas de lhe deitar o lume, a-fim de nele coserem a farinha. Veio, imediatamente, o João Arreda,

que lançou o lume ao forno, queimando muitos ramos de pinheiro.

Suava já por todos os poros da pele, pois que

era isto no mês de Julho, mês em que nesse ano fazia muito calor, como geralmente sucede todos os anos.

Junto do forno havia, e ainda hoje há, umas oliveiras. Numa delas apareceu um passarinho que apregoava muito nitidamente: — *frio, frio, frio!*...

O João Arreda, que abrasava de calor, irritou-se furiosamente contra o pobre passarinho, que continuava a apregoar: *frio, frio, frio!* Correu a casa e pegou numa espingarda, com que às vezes ia à caça, apontou ao passarinho e desfechou-lhe um

tiro. O desgraçado caiu logo morto!

O Arreda não contente com tão feio crime,



(Continua na 4.ª página)

NEO, URIAS e HELENA

FOR MORENITA

SOAM 11 horas no velho relógio dum solar. Um vulto branco, mais parecendo um fantasma que criatura humana, desliza pela alameda do velho solar, ocultando-se com as árvores e indo sentar-se num banco de pedra, ao fundo da alameda.

Ao soar a meia noite, um outro vulto semelhante, parecendo sair das entranhas da terra, vem juntar-se-lhe. Estão, agora, de mãos enlaçadas e ouve-se, ao longe, o piar dum môcho. A'quele pio agourento, o segundo fantasma esvai-se como fumo. Então, o primeiro entra no solar abandonado e, ao chegar à sala de armas, é atraído para um pedestal onde fica imóvel e frio como o mármore. Todas as pessoas que presenciassem esta cena, seriam atraídas para a estufa onde se transformariam num vaso com três flores que constituiriam, nem mais nem menos, as três partes do corpo humano: — a cabeça, o tronco e os membros, sendo o vaso as vestes.

De quem será o velho solar e o que significará tudo isto?! O velho solar pertencia ao herdeiro da corôa do reino de Prata. Urias, o belo herdeiro, tinha uma irmã Helena, a qual, se Urias morresse sem descendentes, subiria ao trôno.

No pais vizinho reinava Néo, um velho rei que de há muito ambicionava avassalar o reino de Prata. Néo enviara já três vezes. Tinha um único descendente (ainda entregue aos cuidados duma ama) a quem queria fazer senhor dos dois reinos. Pensou que a ocasião lhe seria propícia e e quiz casar com Helena. Mas Helena recusou, como era de esperar, tal proposta, tanto mais que Helena amava muito seu irmão e a pátria, e ela bem sabia com que fim Néo aspirava à sua mão. Em consequência d'isto, Néo, despeitado, consultara um velho bruxo que vivia num miserável antro e que se prestava a todos os malefícios. Este atraíra, um



dia os dois irmãos ao solar deserto e aí, depois de uma grande discussão em que tentara baldadamente convencer Helena a casar com Néo, encantou Urias, transformando-o num sapo que foi enterrar ao fundo da alameda. Helena, num alvoroço tentou defender-se, correndo para a sala de armas mas o hediondo bruxo correrá, também, a tocar-lhe com a sua vara, tornando-a imóvel. E disse-lhe então: —

estais encantados; tu e teu irmão. Néo reinará livremente! Sou um enviado d'ele. Teu irmão está transformado num nojento sapo, ao fundo da alameda, junto ao banco de pedra; tanto um como o outro, terão a sensibilidade humana, verão e ouvirão mas não poderão mover-se nem falar e serão frios como a neve. Como não sou tão mau como poderéis supôr, ainda vos concedo certas regalias. Ao soar a meia



noite, poderão voltar à forma humana até se ouvir o pio do môcho que eu enviarei; mas para que teu irmão volte, também, à forma humana, é necessário que tu vás sentar-te no banco gelado e sofras a sua frialdade sem queixumes. Nessa altura, é-vos proibido ver qualquer outro ser humano; isso seria a vossa morte. Se alguém vir tudo que se passar será transformado em um vaso com três flores. Para vos desencantar seria necessário que o sol vos visse com a forma humana; ora como tal nunca sucederá, pois eu enviarei sempre o môcho antes da uma da manhã, ficareis eternamente encantados

Linda noite de luar. Soam dez horas no relógio da torre. Um vulto humano sobe, com dificuldade, a rampa que leva ao velho solar.

Muitos tinham já tentado o desencantamento; mas tinham sido transformados num vaso.

Hoje era um cavaleiro de mascarilha, envolto numa capa preta, que fazia a perigosa ascensão. Já tinha soado a meia noite e o nosso cavaleiro ainda não conseguira chegar a cima; começava a desanimar. Ouvia-se já o primeiro quarto depois da meia noite, quando o nosso cavaleiro junto ao muro, ouviu súbitamente vozes. Com medo de ser visto, limitou-se a escutar. Ouviu, então, dizer:

— Ah! Urias, a que eterno suplício estamos condenados! Ontem o nosso primo entrou no castelo, no preciso momento em que eu me tornava fria e imóvel; se houvera chegado um momento antes, hoje seria um cadáver; depois, os sócos que ele me deu, de raiva, por não me ver; dava sócos em tudo! Que seria feito d'ele? Não nos viu na forma



humana e ainda bem, porque seria transformado em vaso... Ah! Urias, se houvesse alguém que matasse o agourento môcho... O horrível bruxo disse que, se o sol nascesse e nos visse em nossa forma humana, estaríamos desencantados mas êle envia sempre o môcho tão cedo!...

Não puderam continuar o diálogo; ao longe, ouviu-se o silvo estridente do piar dum môcho. O nosso cavaleiro nem ousou ver... Ah não! Ele bem tinha ouvido a conversa e bem sabia a sorte que o esperava se o tentasse! No entanto, que saudades êle tinha de Helena...

Desceu a escada; vinha triste e pensativo — mataria o môcho; mas, como? Ele não o vira, sequer! De repente, bate com a mão na testa; sim, sim, mataria o bruxo e êle não mais enviaria o môcho! O bruxo era, com certeza, aquele miserável que fôra, na noite do desaparecimento do príncipe, ao palácio e que era, agora, o conselheiro de Néo.



Dezanove horas... No palácio há grande agitação, o conselheiro do rei apareceu morto misteriosamente. Entretanto surgem rumores de que os fiéis à pátria se insubordinavam. Vinte

e uma horas... Néo, prevendo o que se passava, suicidou-se! Meia noite!... O nosso cavaleiro desconhecido, espera com alvoroço o desfecho da sua empresa.

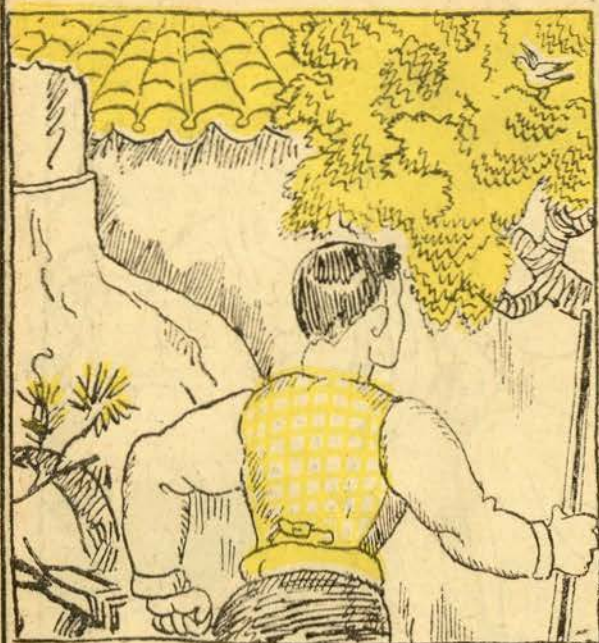
São agora seis da manhã; os dois irmãos admiram-se. Ter-se-ia o bruxo esquecido?!

O sol já nasce; os dois irmãos sentindo o seu calor, sentem, também, o coração bater. Estão salvos; nem querem crêr! Correm à estufa; mas, com a precipitação, racham um vaso e logo surge o primeiro ministro do rei com o fato todo rasgado. Estava, enfim, descoberta a maneira de desencantar aqueles fiéis vassallos que tinham arriscado a própria vida para salvar as dos seus príncipes! Só um dêles voltou à forma humana sem dois dedos, porque, a-pesar-do muito cuidado que os príncipes haviam tido, caíram duas pétalas a uma das três flores.

O desconhecido cavaleiro, pensando que não correria já risco, entrando, avançou então, sendo recebido por Urias com um grande abraço, pois o desconhecido cavaleiro era o marquês de Lea, amigo e primo de Urias. Imagine-se a confusão dos vassallos de Néo e a alegria dos de Urias!

Um mês depois realizavam-se, com grande pompa, os esponsais de Helena e seu primo, marquês de Lea, voltando a paz e a alegria ao belo reino de Prata.

F I M



(Continuação da 1.ª página)

quiz torná-lo horrendo, e, agarrando no infeliz passarinho, atirou-o ás ardentes chamas do forno, tornando-o em cinzas e dizendo: Anda; aquece aí, já que tanto apregoas o frio!

A mulher, quando ouviu a detonação, correu aflita, temendo alguma desgraça, e, quando deparou tão triste espectáculo, censurou o marido, dizendo-lhe que era a fala do passarinho e que Deus o podia castigar por tão má acção.

Ele, que não admitia censuras de ninguém e muito menos da mulher, pregou-lhe duas bofetadas, dizendo-lhe que se calasse, que o não ator-



mentasse mais, ao que ela respondeu: «Valha-te Deus, João, olha que ainda te hás-de arrepender!...»

Entretanto foi buscar a gamela da massa e tendeu o pão, que o Arreda, com uma pá de ferro, deitou no forno. Passados dois dias, baixou a temperatura de tal forma, que o Arreda tremia de frio.

Já cheio de remorsos por sua má acção, andava triste e pensativo e pedia, todos os dias, perdão a Deus do feio crime que, irreflectidamente cometera.

Um dia, para descargo da sua consciência, dirigiu-se à Esclera da freguesia, bateu à porta e, tirando a caparapuça que uzava, pediu licença ao senhor Professor e entrou. Na presença dos alunos, que nesse dia eram muitos, contou com muita mágoa e arrependimento o que fizera ao passarinho, pedindo-lhe que ensinasse aos seus alunos a tratar bem os passarinhos, principalmente os que

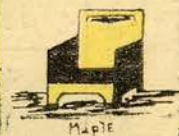
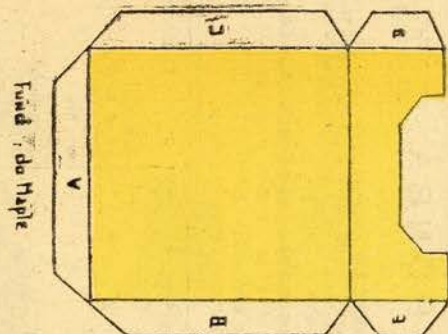
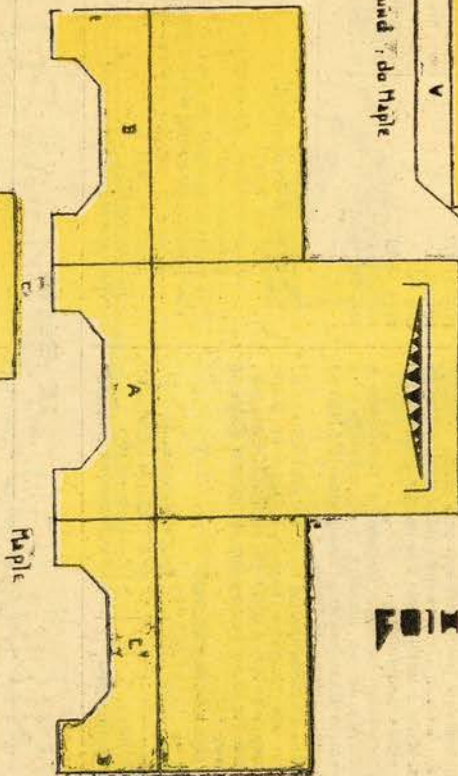
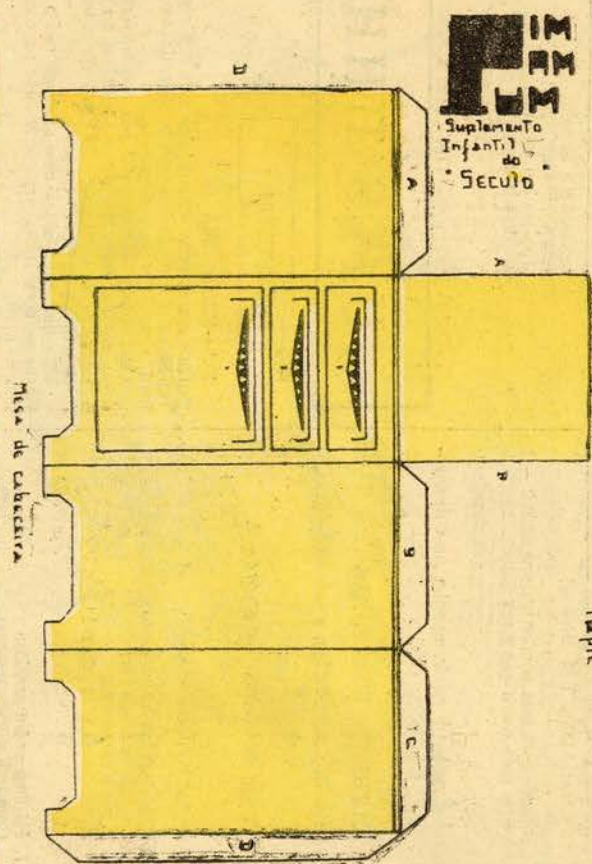


apregoam o frio. O professor, então, aproveitou a ocasião para fazer aos seus alunos uma prelecção alusiva áquele acto, dizendo-lhes que tivessem sempre para com os passarinhos o maior carinho, não destruindo nunca os seus ninhos, pois que eles destroem por dia milhões de insectos prejudiciais à agricultura e são a alegria do campo. Que quando ouvissem o passarinho, que diz: *frio, frio, frio!* se prevenissem com abafos, pois que, passados poucos dias, haveria grande baixa de temperatura.

Foi nos tempos do João Arreda e de sua mulher Rita Azada, que apareceu o passarinho que apregoa: *frio, frio, frio!* mas, ainda hoje, isso succede. E é sempre certo que, passados alguns dias, vem o frio.

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Continuação da série
—Quarto de «Bébé»



Tampo superior da guardavestidos



FOLHA N.º 3

FREDO
NUNES

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

VENCEDORES EM TODAS:

EL-GORDO — ZÉ-QUITOLAS

Erraram apenas no dorso do bicho N.º 9: — Vencedor, Briucalhão — Nuno Joyce, H. Moniz e José Hespanha
José Filipe J. Romero Escalante, Egí. D. João, Laranja azeda, Macã verde, Rosa velha, Don Pate, Leão das Selvas, Gafanhoto, Uma fera, D. Tonca D. Manecas.

Decifraram 6 charadas: — Marmelo Verde, Piorra, António A. Ribeiro e Aprendiz.

Decifraram 8 charadas: — José B. Campina J.º, Cochicho; Sobrinho de Castelo Branco e Fakir.

Meus amiguinhos:

Foi um sucesso o nosso primeiro Concurso!
De toda a parte vieram respostas acompanhadas de cartas muito amáveis felicitando-nos pela ideia.

E as soluções?... Umhas esplêndidas, demonstrando bem a sagacidade e inteligência dos nossos leitorzinhos, mas outras muito fraquinhas...

Uma leitorazinha bastante pequenina respondeu a quasi todas! Mas de que maneira... Na adivinha n.º 2 poz, por exemplo *Champanho* («Champagne»)!!! Não se lembrou de por... vinho do Porto...

Aqueles que erraram apenas no dorso do bicho do n.º 9 dizendo ser um *corcodilo* quando afinal é um *Tati*. Também figuram no QUADRO DE HONRA. Coragem, pois, e vamos a ver se conseguem solucionar todas as que se seguem.

E agora aqui vão as soluções:

- | | |
|--------------------|--------------------------------|
| 1.º — Paclá | 5.º — Levante-lente |
| 2.º — Café | 6.º — Camara-camarão |
| 3.º — Tanganica | 7.º — Nabo-nabão |
| 4.º — Caçimbo-cabo | 8.º — <i>Palavras cruzadas</i> |

Horizontais

dar, dga
omar, miar
mote, anta
roí, são
ara, rol
pias, iman
adia, raia
ias, nau

Verticais

dom, pai
amor, aida
raia, raís
rei, asa
mas, rir
dina, omen
gato, laia
ara, nau

9.º O bicho é constituído pelos seguintes animais:

- rabo de leão
- patas trazeiras, de antilope
- dorso de tati
- patas deanteiras de urso
- pescoço de zebra
- cabeça de macaco
- crista de galo
- 10.º Proverbio:
Cão que ladra, não morde

II Série

CHARADAS EM FRASE

- 1.ª — Na *colmeia* está uma *mulher* muito amada 2 — 2.
2.ª — Está *aqui* uma *pedra* que é um animal. 2 — 1.

H. Moniz

- 5.ª — Quem *cura* nesta *parte*, apanha uma descompostura. 2 — 2.

Joyce

CHARADAS SINCOPADAS

- 4.ª — Este *animal domestico* tem a *pele rija* — 2.

X

- 5.ª — A *rapariga* está *debaixo da arvore* — 2.

Zé

ADIVINHAS

- 6.ª Posso ser um instrumento
Ou cidade posso ser,
E rio p'ra navegar
E até fructa p'ra comer!

Aprendiz

- 7.ª Há uma pedra preciosa
Com três sílabas também.
A primeira, é uma coisa
Que toda a pessoa tem.

A segunda e a terceira
Formam ave conhecida:
A primeira e a segunda
Constituem fruta q'rida

El-Rei Gomos Y Macedo

8.ª — ENIGMAS TIPOGRAFICAS

UAS HHHH

H. Moniz

9.ª Tolos UUUU

10.ª — PROBLEMA

Dois almocreves eram sócios num negócio de azeite. Tendo entrado cada um com metade, tinham direito, no final, a partilhas em partes iguais.

Uma ocasião seguiam por uma estrada fóra e, zangando-se, resolveram repartir o que levavam, ao meio.

Levavam uma bilha de oito litros cheia, uma de cinco litros e outra de três litros vazia.

Não tinham medidas nem qualquer outro recipiente. Como se arranjaram para ficar cada um com quatro litros de azeite?

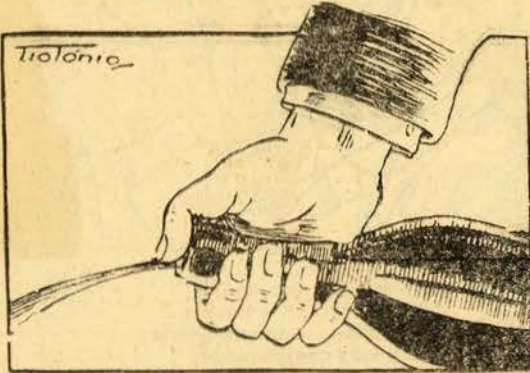
As soluções destes problemas que estarão em nosso poder até às 18 horas do dia 3 de Setembro (Sábado), devem ser dirigidas a TÍOTONIO, Rua do Século, 43 — Lisboa.

HORA DE RECREIO

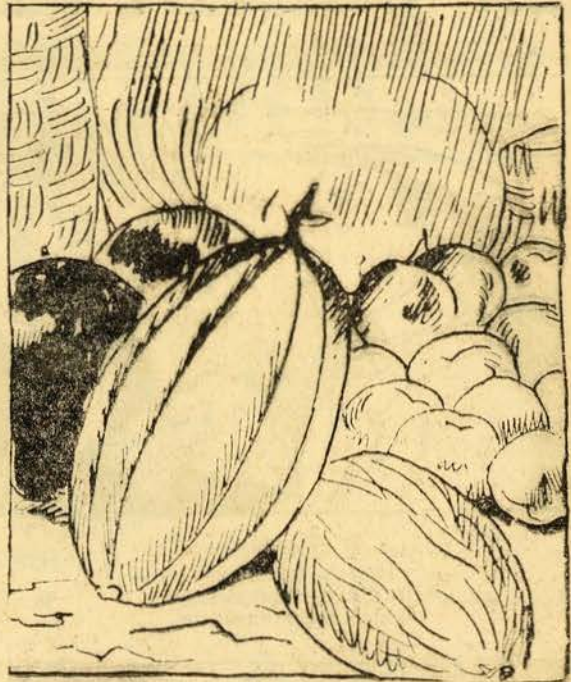
A DIVINHA

A COMPRESSIBILIDADE DO AR

Todos os gases são compressíveis e, em especial, o ar. Para demonstrar este facto, entre outros, há a experiência que a seguir indicamos, pela qual se vê a força de expansão do ar, quando comprimido em qualquer recipiente. Deita-se dentro de uma garrafa, água até meia altura, cujo gargalo se tapa com o polegar, segurando a garrafa com os dedos restantes. Sopra-se, então, com toda a força

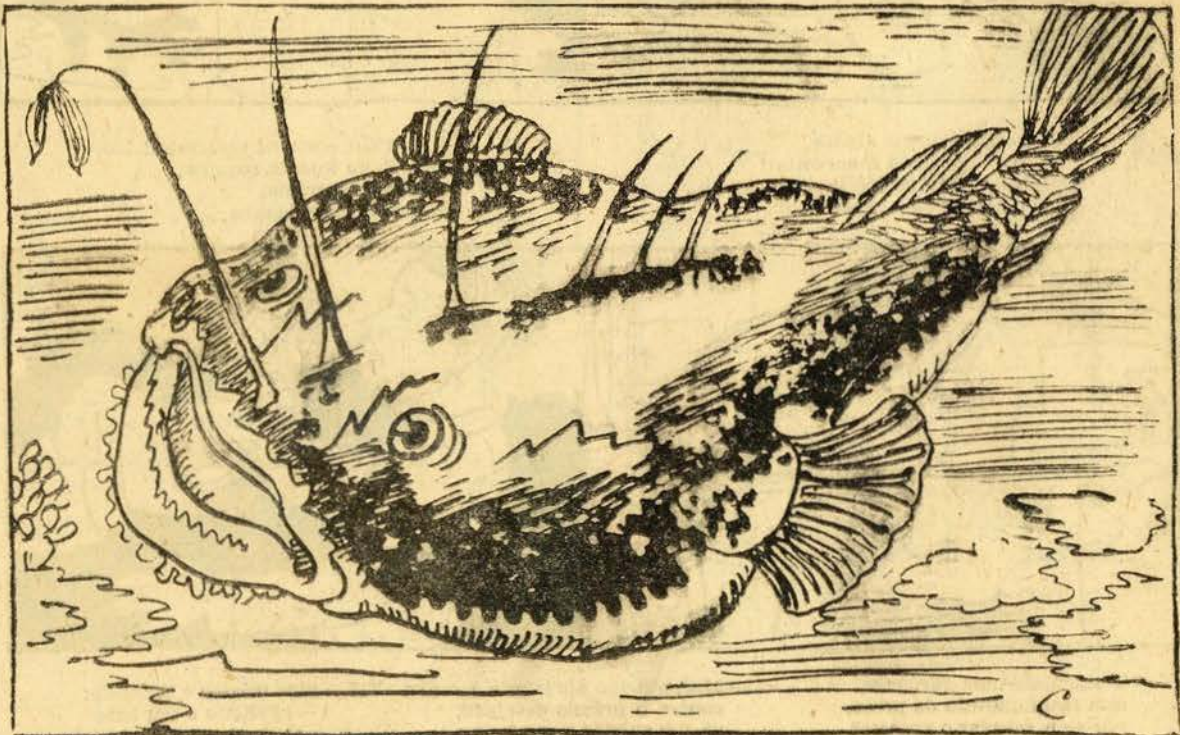


para dentro da garrafa, tapando, logo, para evitar que o ar saia. Destapando um bocadinho, de forma a que o gargalo fique coberto de água, vereis sair um jacto a grande distância, tanto maior quanto mais forte for a compressão a que obrigarem o ar dentro da garrafa.



Meus meninos:— Vejam se descobrem onde se encontra a vendedeira desta fruta

PARA OS MENINOS COLORIREM



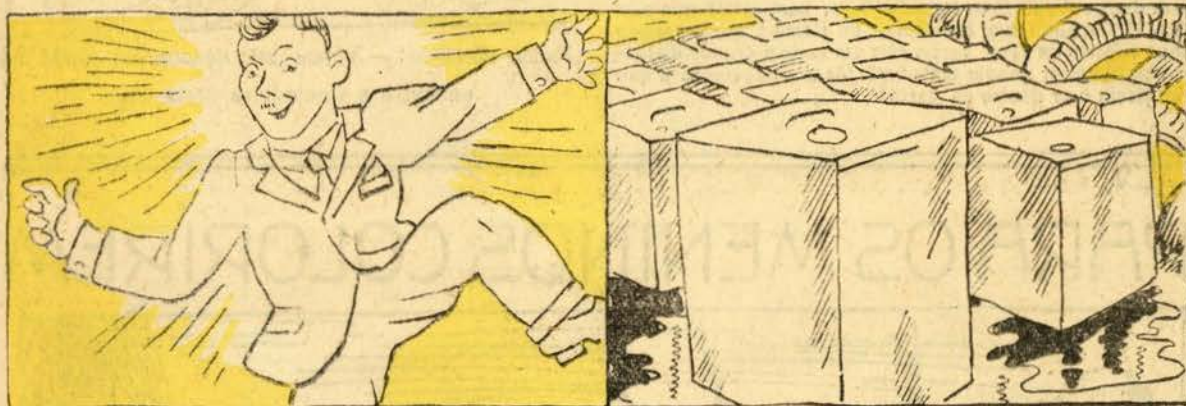
O LÓFIO PESCADOR

UMA RIFA PREMIADA



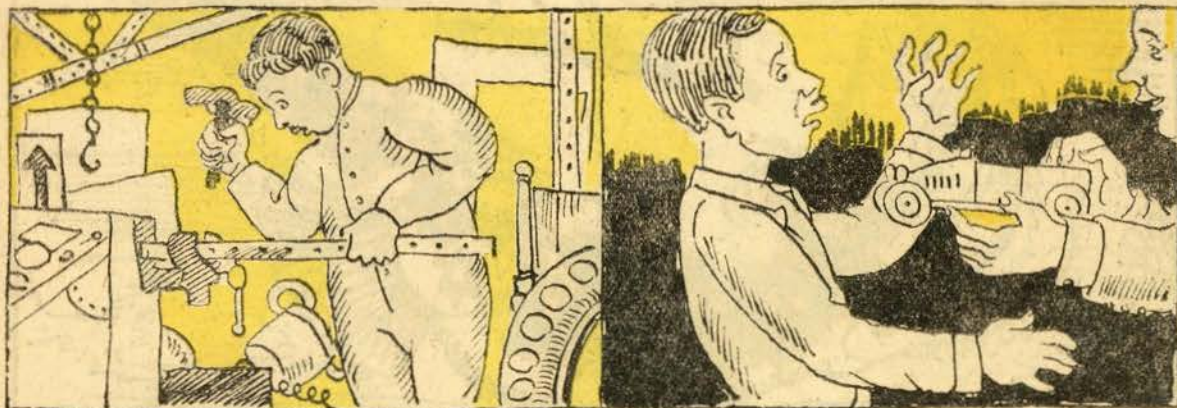
I — Anastácio Serzeção compra a senha para a rifa de um automóvel «Kalifa», o mais recente modelo.

II — Um certo dia, passado quase um mês, lê a notícia de que êle — (mas que delícia!) — fôra o feliz contemplado.



III — Lê e relê mais atento, pois lhe custa a acreditar: mas, por fim pôe-se a dançar, tal o seu contentamento!...

IV — «Ai mas que sorte de «arromba!...» brada. E, na loja da esquina, encomenda gasolina, óleo, pneus, uma bomba...



V — E alugando uma garagem, sem fazer questão de preço, pôe-se a estudar o processo de evitar a derrapágem,

VI — Mas, quando apresenta a senha contra o prêmio desejado, vê um sujeito a seu lado, que lhe diz com muita manha,

VII — algo irónico e sorrindo: — «Felcito o seu bébé, porque êste automóvel é um brinquedo muito lindo!»